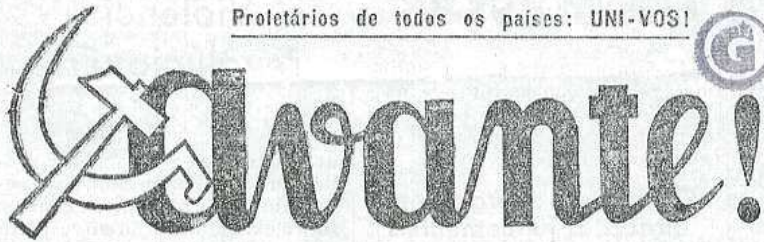


Proletários de todos os países: UNI-VOS!



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS!



A situação do país agudiza-se IMPÕE-SE FORTALECER O MOVIMENTO DE MASSAS

A nomeação e a posse como Presidente da República, do Américo Tomaz, nomeação a que os arautos fascistas chamaram «eleição», assim como a remodelação ministerial que se seguiu, representam a continuidade da política antinacional fascista e reflectem também as dificuldades em que o regime continua a debater-se. No discurso de posse, lido pelo Tomaz, ele próprio falou no «quadro bem pouco animador e até preocupante» em que inicia novo mandato, disse que não virão «a ser fáceis os anos que se avizinham», apelou para se «evitar dissensões» e «ressentimentos, melindres e excessos de amor próprio».

O deputado que teve a missão de fazer o discurso de cumprimentos também falou na necessidade de «abdicar de pequenos sentimentos, e até por vezes, de ressentimentos». Efectivamente, amor próprio e sentimentos, são coisas que bastante escasseiam ao Tomaz e a toda a camarilha fascista que deram grande «soledade» a um acto que constitui uma vergonhosa farsa. Ao apelar para a união fascista, disse o aludido deputado ser necessário não «acentuar em demasia... o que, porventura, seja motivo de desacordo» e que se devem abater «todas as divergências e todos os interesses de grupo». Mas ele e o Tomaz nada disseram sobre a natureza dessas divergências e desacordos, assim como nada foi dito sobre os citados «interesses de grupo».

Crescem os escândalos e as negociatas do regime

Logo na semana seguinte, rebentou a «branca» do concurso de adjudicação para a construção das auto-estradas. Um dos consórcios (um dos tais grupos...) denunciou publicamente a «manifesta ilegalidade da adjudicação» ao consórcio Brisa (um outro grupo...), o que forçou o governo a publicar uma nota oficiosa que nada esclarece e a ninguém convence.

E porque não publica o governo uma nota oficiosa a explicar as razões por que foi determinado o regresso a Portugal do coronel Rebocho Vaz, governador do chamado Estado de Angola? Será

que tal regresso se relaciona com outra «branca» que teria surgido, a propósito duma concessão em que estavam interessados uma empresa sueca e outra inglesa? Parece que um bom cheque sueco recebido pelo sr. Rebocho resolveu a contenda a favor da empresa sueca... E logo um cheque sueco, vejam lá!...

A denúncia pública da grande negociata das auto-estradas e o escândalo do «negócio» do governador de Angola são apenas alguns exemplos das roubalheiras e do saque a que o País está sujeito por parte dos grupos financeiros e monopolistas, associados ao capital estrangeiro, interessados todos eles na primazia da exploração do povo português e de que o governo caetanista é mandatário.

Para além dos escândalos aludidos, porque se escondem as

causas do internamento hospitalar do general Brilhante de Paiva, que teria dado um tiro na cabeça em data que coincidiu com a posse do A. Tomaz?

A remodelação ministerial

A remodelação ministerial levou não só à substituição do ministro das Finanças e Economia, mas dos secretários de Estado, conhecidos como tecnocratas. A remodelação é a comprovação do fracasso da política económica de M. Caetano e mais um sintoma das contradições e dificuldades reinantes nas hostes fascistas.

Para se conhecer os interesses que representam os novos ministros, bastará dizer que o ministro da Economia foi vice-presidente da Junta Nacional da Cortiça, presidente da Junta Nacional do vi-

(cont. na 2ª pág.)

A VIOLÊNCIA REVOLUCIONÁRIA é imposta ao povo pela ditadura fascista

A acção da A.R.A. de 9 de Agosto passado, como afirmou em comunicado público de 12 do mesmo mês o seu comando central, insere-se no quadro da luta revolucionária contra a ditadura fascista e expressou o sentimento de indignação e de repúdio das massas populares pela farsa eleitoral para a presidência da República,

«em que foi mais uma vez imposto ao povo português, através dum processo vergonhoso, um presidente da República que representa apenas os interesses da camarilha fascista, dos colonialistas e dos patrões imperialistas».

Procurando através da imprensa, rádio e televisão, diminuir a repercussão política desta nova acção revolucionária dos comandos da A.R.A., cujo nome nunca citou, e chamar sobre esta a antipatia e repúdio das massas, a camarilha governante não fez mais do que dar-lhe maior amplitude tanto no âmbito nacional como internacional.

Subrepticiamente, o governo pretendeu especular com a falta de água em Lisboa e em Sintra procurando fazer crer que ela se devia à acção da A.R.A. Ora, como é sabido, especialmente em Sintra, como em dezenas e dezenas de outras populações por esse país fora, com electricidade ou sem ela, falta a água. Ao contrário do que pensa M. Caetano e a sua camarilha, o povo sabe distinguir o preto do branco.

Mostrando pela televisão os efeitos da acção da A.R.A., o governo não conseguiu outra coisa

(cont. na 2ª pág.)

OS TRABALHADORES NÃO PODEM NEM DEVEM ESPERAR

A política do governo de M. Caetano, como antes fora a de Salazar, é uma política de classe da grande burguesia e dos monopólios, orientada desde o princípio ao fim contra a classe operária e as massas trabalhadoras.

A alta constante do custo de vida, que continua a processar-se, sendo uma forma suplementar de exploração dos trabalhadores e de consequente enriquecimento dos capitalistas, é parte integrante dessa política de classe contra classe, melhor dito, dessa guerra de classes.

As novas «homologações» de preços incidiram desta vez sobre as águas minerais, lavagens de automóveis, cimento e certos tipos de queijo. Deixando tudo na mesma, elas dão mais a ideia de que o governo está a brincar com as dificuldades crescentes do povo do que a pretender resolver seja o que for com vista à baixa dos preços. As massas populares não têm automóveis para mandar lavar e não podem beber águas minerais, nem comer queijo, nem construir casas porque lhes falta o dinheiro para pagar o pão, a água da torneira, (quando a têm) a renda da barraca, do

quarto ou da parte de casa.

O novo ministro das finanças e economia, Cota Dias, na sua longa arenga quando da tomada de posse dos cargos deixou entender isso mesmo ao dizer:

«O que desejo, acima de tudo sublinhar é o propósito que nos anima de, por todos os modos, assegurar a contenção da subida dos preços, reconduzindo o povo português a um mínimo de normalidade quanto à evolução do custo de vida».

Nem mesmo a contenção da subida dos preços se verifica.

Depois da arenga do ministro, os bilhetes do Metropolitano de Lisboa sofreram um aumento de 33, 2%; aumentaram os transportes colectivos em Aveiro de 11, 25, 33, 38, 9 e 43% nos vários percursos das carreiras; a Câmara Municipal de Aveiro resolveu também aumentar, a partir de Janeiro de 1973, as taxas camarárias «para os seus justos valores», segundo a expressão do seu presidente. Saliente-se, pelo seu interesse, que o vereador sr. Gamelas, com o exemplo da Câmara de Aveiro, reconheceu a falência total das «medidas» governamentais contra a alta dos preços,

ao afirmar:

«Numa época em que o custo de vida sobe vertiginosamente, embora se anunciem medidas drásticas para o combater, também as taxas e tarifas camarárias vão por aí acima».

Os salários, esses mantêm-se estáveis, quando não sofrem baixas ou os trabalhadores não são lançados no desemprego.

Os ordenados dos funcionários públicos, por exemplo, mantêm-se inalteráveis desde Janeiro de 1970. 14.200 deles auferem ordenados de 6.500\$00, a 16.000\$00, enquanto que os restantes 150.800 apenas ganham de 1.900\$00 a 5.800\$00 mensais. Tendo em conta o aumento do custo de vida de então para cá, constata-se que o salário real dos funcionários é hoje 60% do de Janeiro de 1970.

Vê-se, assim, que do Decreto-Lei nº 196-72, dito de combate à inflação, nada mais fica de concreto e real do que o congelamento dos salários. Dizer o governo no preâmbulo do decreto que se podia ter seguido o caminho do congelamento dos salários para combater a inflação, querendo com isso dizer que não tem sido

(cont. na 3ª pág.)

Fortalecer o movimento de massas

(cont. da 2ª pág.)

nho e era agora administrador do Banco de Fomento e membro do Conselho Geral do Grémio dos Bancos; o secretário de Estado da Indústria foi inspector da Polícia Judiciária e era agora administrador da Cª Portuguesa de Electricidade; o secretário de Estado do Tesouro foi administrador da Cª de Celufóse do Ultramar e era agora administrador do Banco de Fomento. Todos eles são dignos representantes dos monopólios e dos interesses do imperialismo estrangeiro no nosso País.

O novo ministro da Economia afirmou que «a inflação é, sem sombra de dúvida, questão a que se tem de dar prioridade absoluta», e revelou o propósito de «assegurar a contenção da subida de preços». Mas como pensa fazê-lo? Sobre isso nada disse, mas logo dias depois anunciou-se o aumento dos bilhetes do metropolitano de Lisboa. Quanto à inflação, é evidente que o governo não pensa pôr termo à guerra colonial que é uma das suas principais causas. Entretanto, o dr. Silva Lopes, que foi o principal técnico nas negociações do acordo de Portugal com o Mercado Comum, num debate organizado pela SEDES, referiu a possibilidade ou necessidade de desvalorização do escudo a médio-longo prazo. A ser assim, começam desde já a desenhar-se as consequências funestas para o País, do acordo havido com o Mercado Comum.

A SEDES na «Oposição»?

O Conselho Coordenador da SEDES, onde se contam um ex-subsecretário do governo de M. Caetano e dois deputados «eleitos» nas listas do partido único fascista, publicou um documento programático de análise à situação portuguesa no qual se revelam discordâncias com alguns aspectos da política caetanista. Mas os seus autores tiveram a clara intenção de limitar a sua análise ao último decénio, como se a nefasta política fascista só existisse desde 1960. Este e outros aspectos revelam a preocupação de não romper com o regime, o que comprova a afirmação do documento de Maio do C.C., quando diz que as propostas de certos elementos discordantes (como é o caso dos principais dirigentes da Sedes); não é mais do que a «evolução para um fascismo mitigado com a continuação do colonialismo português». A confirmar que assim é, o documento da Sedes nada diz sobre a dominação imperialista e monopolista, nada diz sobre a repressão fascista e, na questão central da guerra e dominação colonialista, apenas alude à «excessiva polarização pelo problema ultramarino». Não deixa de ser elucidativo que esse documento tenha sido aceite pela censura e encontrado guardado na imprensa diária, enquanto nessa mesma altura um documento subscrito por mais de cinco dezenas de democratas de

Lisboa e intitulado «Situação Política—Fracasso do Reformismo», tenha sido apreendido pela Pide-DGS, e impedida a sua publicação e distribuição, e os seus autores interrogados pela Pide. A diferença de posições do governo ante um e outro documento define o carácter da Sedes e o seu colaboracionismo.

A luta popular alarga-se e intensifica-se

O prosseguimento da guerra colonial, o acordo com o Mercado Comum e a crescente dominação dos monopólios agravarão mais e mais a situação económica e política do País, ao mesmo tempo que acentuarão as contradições e dificuldades do regime. Os monopolistas e o governo que os representa tudo farão para vencer as suas dificuldades à custa do aumento da exploração dos trabalhadores e da ruína dos pequenos e médios produtores agrícolas e industriais e, paralelamente, procurarão incrementar a repressão, tal como o indica as dezenas de prisões verificadas ultimamente e o ultimato dos governadores civis a cooperativas para no prazo de 15 dias apresentarem novos projectos de Estatutos, ultimato que visa liquidá-las. Enquanto o custo de vida continua a subir em todos os aspectos essenciais à vida das classes laboriosas, o governo decreta o congelamento dos salários e orienta toda a sua política para que continuem a ser as camadas populares a suportar os efeitos da inflação, da guerra colonial e de toda a sua criminoso política.

As acções da ARA, no dia da posse do A. Tomaz expressou, tal como diz o comunicado do Comando Central da ARA, a «indignação e o repúdio das massas populares e dos antifascistas em geral, pela farsa eleitoral de 9 de Agosto». Tais acções realçam o poder de organização da ARA e constituem um incentivo à intensificação da luta em todos os sectores.

A situação do País exige que se alargue a luta em todas as frentes e, muito especialmente, por parte da classe operária e do movimento democrático. As lutas havidas nas empresas e a continuação do movimento sindical; as diversas acções contra o aumento do custo de vida; os êxitos obtidos pela juventude estudantil na luta pela reabertura das suas associações; o alargamento verificado na luta contra a repressão e pela Amnistia; as lutas dos professores, das mulheres, dos médicos e camponeses em torno dos seus interesses específicos; as lutas dos soldados nos quartéis e contra a guerra colonial; as amplas reuniões unitárias realizadas em Julho, nos distritos de Lisboa, Porto, Leiria e outros distritos, com a participação de centenas de democratas; a recente criação da Comissão Nacional para a Segurança e Cooperação Europeias, da qual fazem parte dezenas de pessoas, todo

este conjunto de acções indica uma reactivação das lutas de massas e a existência de condições propícias para o seu rápido desenvolvimento.

Concentrar energias nas direcções fundamentais

Uma das condições do alargamento do movimento de massas reside na criação de variados tipos de Comissões com objectivos concretos mas todas elas convergindo no objectivo comum fundamental da luta contra a política fascista, contra a guerra colonial, contra a submissão ao imperialismo, e pelas liberdades democráticas. As pessoas que defendem ideias no sentido do movimento democrático lutar desde já pela opção e construção do socialismo esquecem-se que quem detem o poder não são as forças democráticas mas a ditadura fascista. Tais ideias são tendentes a fechar e sectarizar o movimento e, se fossem perfilhadas, desviariam o movimento democrático de massas das suas tarefas imediatas. É justo dar às massas a perspectiva do socialismo, mas no imediato é essencial dizer-lhes que a via para chegar ao socialismo implica a mobilização e concentração de energias na tarefa primária de derrubar o fascismo e conquistar as liberdades democráticas. Tal como afirma o documento do C.C. de Maio, «Tarefas fundamentais da situação política actual», «não é possível resolver todos os grandes problemas nacionais sem resolver os dois problemas centrais da situação política actual: a inexistência das liberdades mais elementares e a guerra colonial».

Essas são realmente as direcções fundamentais da luta e é nelas que se devem concentrar energias e poder organizativo.

Uma representante das mulheres portuguesas na Conferência das Mulheres Africanas

Nos dias 22 a 31 de Julho, teve lugar em Dar-El-Salam a Conferência das Mulheres Africanas, em comemoração do 10º aniversário da fundação da Organização Pan-africana da Mulher. Estiveram presentes 200 delegadas africanas de 26 países. Entre elas, as do MPLA, PAIGC e Frelimo. Como convidadas, delegações da Federação Democrática Internacional das Mulheres, de países socialistas, da Palestina e das mulheres portuguesas, representadas por Maria Luísa da Costa Dias. Este convite constitui uma honra para o movimento antifascista e anticolonialista português.

A Conferência marca um importante passo no reforço e desenvolvimento da organização e da luta das mulheres africanas contra o imperialismo, pela libertação completa de África do colonialismo e do neocolonialismo, pela consolidação da independência

Violência revolucionária

(cont. da 1ª pág.)

que patentear a capacidade realizadora daquela organização revolucionária e patriótica e chamar sobre ela a admiração e o respeito das massas populares.

Os órgãos de informação nada disseram, claro está, sobre a «grande manifestação espontânea» que os fascistas tinham organizado para logo após a fantochada do acto de posse do Tomaz, mas que tiveram de pôr de lado em consequência do medo que deles se apoderara horas antes.

Apesar do carácter reaccionário da quase totalidade dos jornais portugueses e da mordacida da censura, todos eles consideraram a acção da ARA um acto político contra a ditadura. Mesmo quando gritavam que «a violência traz a violência» eles estavam a reconhecer na acção da ARA um acto político, embora, como reaccionários que são e convintes com muitos crimes do fascismo, tenham propositalmente invertido as situações pois, como é sabido, a violência e o arbitrio são inerentes à ditadura fascista e ao grande capital, que deles têm usado e abusado contra a classe operária, as massas trabalhadoras, os democratas e antifascistas—contra o povo português.

Para se operar no nosso país uma modificação política num sentido verdadeiramente democrático, as forças revolucionárias, o nosso povo, terão de, mais cedo ou mais tarde, opor à violência ilegal da ditadura fascista a violência legítima revolucionária das massas, não por ser esse o seu desejo, mas porque a situação criada pela ditadura fascista não lhes deixa outra alternativa.

dos países africanos, pelo progresso social e pelos direitos da mulher.

Discursando na sessão plenária da Conferência, M. Luísa Costa Dias, calorosamente aplaudida, expressou a solidariedade das mulheres portuguesas e do povo português para com as mulheres africanas e particularmente para com as mulheres de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique. Falou largamente da luta do povo português contra o fascismo e o colonialismo e afirmou: «Nem as brutalidades e os crimes do fascismo, nem o apoio das potências imperialistas, nem a opressão e a guerra colonial, evitarão a derrota do regime fascista e o aprofundamento do colonialismo; a vitória definitiva dos povos de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique e a vitória definitiva do povo de Portugal».

Nas empresas

UNIDADE E ORGANIZAÇÃO PARA AVANÇAR NA LUTA!

TRABALHADORES DO TRÁFEGO E DA ESTIVA DO PORTO DE LISBOA: Desde há muito que anseiam por ver atendidas algumas das suas reivindicações, entre as quais se conta a homologação do Contrato Colectivo de Trabalho que esperam há mais de um ano. A cada vez maior utilização de contentores faz pesar a ameaça de grandes despedimentos, mas os patrões não hesitam, sempre que lhes convém, em recorrer a horas extraordinárias. Perante toda esta situação, os trabalhadores da estiva decidiram recusar-se a trabalhar para além das 17 horas, enquanto não virem satisfeitas algumas das suas principais reivindicações.

MAGUE (Alverca): Os operários soldadores recusaram-se a trabalhar em regime de turnos. Como represália, a gerência retirou-lhes o trabalho aos sábados.

Reivindicando a utilização de instalações (refeitório) para reunir, os trabalhadores apoiaram a iniciativa da comissão de empresa nesse sentido num abaixo assinado com mais de 400 assinaturas.

FÁBRICA DE PÓLVORA DE BARCARENA: Os trabalhadores recusaram-se a fazer horas extraordinárias. Procurando quebrar a unidade dos trabalhadores, a empresa suspendeu cerca de 20 e ameaça com despedimentos.

INDÚSTRIA TÉRMICA NUNES CORREIA (Lisboa): Nesta empresa, com cerca de 600 operários distribuídos por várias obras, os operários canalizadores reivindicam aumento de salário, pagamento dos 30 dias e outras melhorias. O patronato tem respondido com falsas promessas, exigências de aumento do ritmo de trabalho e manobras de intimidação e divisão. Em face disto, os operários dum das obras recorreram à «cerra» em apoio das suas justas reivindicações. O seu exemplo deve ser seguido por todos os trabalhadores das restantes obras.

LISNAVE (Margueira): Ante o descontentamento crescente dos trabalhadores, manifestado principalmente numa acentuada baixa de produção, a Administração viu-se forçada a aumentar os salários depois de sucessivos adiantamentos. Os aumentos vão de 450 a 700 escudos. Mas outras razões de descontentamento permanecem, como a prática obrigatória de horas extraordinárias, (para o que o patronato utiliza todos os processos de coação incluindo o corte de regalias) e o curto intervalo de 45 minutos para almoço.

SOREFAME (Venda Nova—Amadora): Num abaixo-assinado com 598 assinaturas, entregue na Administração por uma comissão de 3 operários, os trabalhadores reivindicam feriado no 1º de Maio.

CASA HIPÓLITO (Torres Vedras): Em resultado da sua luta (paralisação de 1/2 hora e ameaça de voltar a paralisar), os operários desta empresa viram satisfeita a sua reivindicação de passagem a mensais, o que se traduzia em aumentos de 600 a 700 escudos mensais. A reivindicação de aumento geral e igual de salários continua de pé. A luta tem que prosseguir tanto mais que a gerência procura intensificar a exploração exigindo aumentos de ritmo de trabalho para compensar os aumentos, sob a ameaça de despedimentos.

MOVAUTO (Setúbal): Depois do lançamento dum folha volante assinada por «Um grupo de operários da Movauto» dirigida aos seus companheiros, tocando alguns dos problemas mais prementes dos trabalhadores, estes viram substancialmente melhoradas as refeições e as condições de higiene dos refeitórios. Ante o ambiente de entusiasmo e concordância que se gerou, os gerentes apressaram-se a chamar o representante dos trabalhadores e a prometer a satisfação daquelas reivindicações.

CUF (Barreiro): Para fugirem ao aumento de salários aos trabalhadores, os tubarões desta empresa recorreram a novo método de exploração passando a incluir parte do chamado «mérito» no salário. Trata-se de facto dum «falso aumento» que, como afirma «Um grupo de trabalhadores da Cuf» numa circular aos seus camaradas, tal como os aumentos irrisórios que a empresa tem conseguido impôr, é devido à falta de unidade e de organização dos trabalhadores. Ritmos de trabalho infernais e outras formas de exploração juntam-se a esta.

Pondo em risco a saúde e mesmo a vida dos operários, os monopolistas da CUF nada fazem para iliminarem os gases tóxicos que se produzem nos locais de trabalho. Cerca de 80 operários em perigoso estado de intoxicação tiveram já de ser socorridos de urgência no posto médico. Se os trabalhadores não cerrarem fileiras e não reforçarem o seu espírito combativo, a sua situação não deixará de piorar cada vez mais.

MARTINS & REBELO (Aviz): Os 100 operários desta empresa, na sua maioria mulheres, estão

sujeitos a desenfreadas formas de exploração. Há pouco, o patronato ofereceu ridículos aumentos de \$50 diários e pretendeu obrigar as operárias a trabalhar aos domingos sem a compensação prevista pela lei. Uma das operárias que se recusou foi despedida.

FÁBRICA DÁMASO LUIS DOS SANTOS (Vieira de Leiria): Reina grande descontentamento e insegurança nesta empresa vidreira em resultado dos despedimentos colectivos que têm lugar. Atirando para a rua as operárias mais idosas ou incapacitadas por desastre, o patronato desfaz-se dos trabalhadores como de máquinas velhas que já não dão o rendimento desejado. Esta situação exige uma resposta firme e solidária dos trabalhadores.

Trabalhadores!

A vossa unidade, na base de comissões constituídas pelos mais firmes e combativos para dirigir e encabeçar a luta, é o primeiro passo para fazer sentir ao patronato explorador quanto pode valer a vossa força unida.

Só a vossa unidade poderá permitir a passagem a formas de acção cada vez mais vigorosas — paralizações, concentrações, greves — para responder às múltiplas manobras de exploração e de intimidação do patronato, para exigir a anulação dos despedimentos e de quaisquer medidas repressivas com que os exploradores procuram paralisar a vossa luta, para impôr a satisfação das vossas reivindicações imediatas.

Para a conquista dos vossos direitos, a unidade é e será sempre a vossa melhor arma.

Ao rebate dos sinos PERNES EM MASSA reabriu a sua fonte

Na noite de 15 de Julho, os sinos da vila de Pernes tocaram a rebate e a população veio para a rua em manifestação de protesto.

Nesse mesmo dia, o presidente da Junta de Freguesia pusera em prática uma ideia em que andava há muito ruminando: fechar a fonte pública privando assim de água a população.

O povo, porém, não conteve por muito tempo a sua indignação, tanto mais que ele sabe que a fonte lhe pertence, pois foi o povo que se cotizou em tempos para a sua construção.

Ante essa injustiça os sinos começaram a ressoar à distância e a população aglomerou-se, protestando.

Chegaram pessoas dos lugares vizinhos que se solidarizaram. Constituiu-se uma comissão para ir falar com o presidente da Junta, enquanto alguns ameaçavam abrir a água a picaretas e outros se dispunham a ir a casa buscar as alfaías.

A G.N.R. saiu em força para a

EM LUTA nos Sindicatos Nacionais

— 400 caixeiros do distrito de Lisboa, em reunião geral de sócios discutiram acerca do andamento das negociações para o novo Contrato Colectivo de Trabalho do ramo retalhista.

— 250 vidreiros, na sua maioria mulheres, em reunião de associados no Sindicato dos Vidreiros da Marinha Grande, ocuparam-se dos seus problemas mais prementes, especialmente despedimentos.

— numa assembleia geral das mais concorridas, os caixeiros e empregados de escritório do distrito de Santarém aprovaram por unanimidade um voto de apoio à direcção e resolveram interpor recurso contra a acção de impugnação do acto eleitoral arbitrariamente movida pelo Instituto Nacional de Trabalho, pelo que a direcção continua em actividade.

— em reuniões de associados e delegados, no Sindicato de Caixeiros e Empregados de Escritório do distrito de Santarém e na secção do mesmo Sindicato, em Torres Novas, os trabalhadores discutiram o recente decreto que permite o congelamento de salários.

Contra a política anti-operária do governo caetanista, adiante na luta sindical! Contra todas as formas de exploração capitalista, adiante também nesta frente de luta, sem esquecer um só momento que é no próprio local da exploração, isto é, na empresa, que a luta reivindicativa atinge mais directamente o patronato explorador, que é na empresa que a luta é decisiva.

rua mas a cólera da população atemorizou-a. De Santarém, Torres Novas e Alcanena vieram reforços da G.N.R. comandados por um tenente e um capitão.

Ante as forças repressivas armadas até aos dentes, ninguém arredou pé e os sinos não deixaram de tocar.

Passando das falas mansas aos mais grosseiros insultos e ameaças, o capitão da GNR patenteou a impotência da repressão ante uma população unida e determinada.

A água foi aberta. E o povo de Pernes comemorou a sua vitória, indo matar a sede na sua fonte ante o desespero manifesto do capitão da GNR.

As populações de inúmeras aldeias, vilas e mesmo cidades do País condenadas pelo governo a graves privações de água ou a disporem dela apenas em insalubres fontes de chafurdos, a população de Pernes deu o exemplo: a luta popular é o caminho.



Quantias recebidas dos amigos do Partido

À memória de	Id.	20\$00	Esteves	100\$00	Simpatizante	
G. Pedro	César		Id. p. J.		(A)	75\$00
(Maio) 100\$00	Anjo	500\$00	Araújo	30\$00	Simp. de Erme-	
Id. (Junho) 100\$00	Che Guevara		Id.	300\$00	zinde	20\$00
Abaixo a guerra	(I)	20\$00	Id. p. D. Abran-		Id.	20\$00
colonial (P.)	Id. (II)	20\$00	tes	100\$00	Id.	20\$00
	Contos verme-		Id.	500\$00	Simp. que quer	
Abaixo a	lhos	150\$00	Id.	675\$00	ser militante	
Pide!	Cuba livre 200.00		Id. p. A.			200\$00
Abel	C.S.P. (AU)		Veloso	100\$00	Silbense comu-	
Salazar 2.000\$00		1.500\$00	Luisa	50\$00	nista	50\$00
Activo	Democrata		Luta antifas-		Têxtil verme-	
Id.	(SO)	50\$00	cista	145\$00	lho	20\$00
Assim se tempera	De um operário		Marian		Id.	20\$00
o aço	ao P.	20\$00	(AU)	50\$00	Tipografias	
"Algarvio"	Dias Coelho		Mário Sacra-		ciandestinas	
		100\$00	mento	300\$00		1.500\$00
Amigo da toja	Dimitrov	500\$00	Militão	100\$00	Um amigo de	
(Junho) 100\$00	Família Fer-		N.P.L.E.	65\$00	Partido	50\$00
Id. (Julho) 100\$00	nando	50\$00	Novo Luz	100\$00	Um simp.	
Amigo da quinta	Família Pi-		Id.	100\$00	do P.	300\$00
(Junho) 50\$00	carra	50\$00	Id.	100\$00	Uma simp.	200\$00
Id. (Julho) 50\$00	Firmeza A. Ger-		Id.	100\$00	Vitória do	
Amigos vi-	vásio	405\$00	Operário agri-		MPLA	20\$00
dreiros	Fora M. Cae-		cola	100\$00	Viva a revo-	
Ar	aro	50\$00	Para o 50º		lução	15\$00
Artur	Internacionalis-		antio.	777\$00	Id.	15\$00
Idem	mo proletário		Patrão-Mór		Id.	15\$00
Avante demo-		4.550\$00		100\$00	1º de Maio	
crata	Jovem ao		P.C. nosso		01	285\$00
Id.	30º	50\$00	farol	1.100\$00	Id. id. 02	27\$00
Bento Ca-	Jovens coma-		Pela nitó-		Id. id. A 4:	
raça	nistas	58\$00	ria	25\$00	Lib. p. R. Car-	
Camaradas Emi-	Juca	10\$00	Pelo socia-		valho	100\$00
grados	Id.	10\$00	lismo	100\$00	* * I. Esteves	
Id.	Id.	10\$00	Id., em Portu-		gal	20\$00
Camaradas (1º de	Liberdade p. José		Id. id.	20\$00	Prof. Maria	
Maio P.) X	Magro	50\$00	Id. id.	20\$00	Machado	200\$00
	Id.	1.500\$00	Pirex	40\$00	Um mar-	
3.858\$50	Lourenço	20\$00	Total:		xista	50\$00
Jovens Verme-	Id. p. Diniz Mi-					38.497\$20
lhos (1º de Maio	randa	400\$00				
P)	Id. p. Canais					
5.867\$50	Rocha	140\$00				
Camaradas (1º	Id. p. M. Pedro					
de Maio P.) B		30\$00				
457\$50	Caterina	26\$00				
Camponeses ri-	Id.	200\$00				
batejatos 190\$00	Id. p. Itidó					
Cat. Euf. 1.603.00						
Id.						
50\$00						

RECTIFICAÇÃO: no "Avante" nº 443, ler rubrica Amigos do PCP 120\$00 em vez de Amigos do PCA e 4.250\$00 em vez de 4.260\$00, na rubrica Apoio à luta do povo port. (n.ºs. 2, 6, 7, 11, 12, 13, 17, 18, 31, 41, 43, 45, 46, 49, 50)

Os trabalhadores não podem esperar

(cont. da 1ª pág.)

esse o caminho seguido, não passa de um reles subterfúgio.

Mas, o que é senão congelamento de salários proibir no artigo 14º do citado decreto a revisão automática de acordo com o aumento dos preços e só permitir a revisão das tabelas salariais dos Contratos Colectivos de Trabalho de dois em dois anos? Mas mais: como o governo e patrões arranjam sempre maneira de protelarem as negociações, as decisões, as homologações, etc., os dois anos são ampliados, como a prática o vem demonstrando, para três, quatro e mais anos.

Os trabalhadores, porém, não confundem a pedra com o pau e não aceitam ossos por boa carne.

E, assim, num grande número de empresas das regiões de Lisboa, Margem Sul do Tejo, Ribatejo, Oeste, Aveiro, Porto, etc., os trabalhadores vêm lutando rijamente por aumento de salários e conseguindo na maior parte dos casos sucessos totais e parciais.

Concentrando-se em massa nos sindicatos nacionais e por intermédio de alguns destes como, por exemplo, os dos metalúrgicos do Porto, dos têxteis de lanifícios de Lisboa, dos bancários de Lisboa, Porto e Coimbra, dos caixeiros de Lisboa, dos caixeiros e empregados de escritório de Santarém, muitas dezenas de milhares de trabalhadores protestam e exigem aumento de salários e revogação do celerado Decreto-Lei nº 196-72.

A luta no terreno sindical contra o congelamento dos salários e por medidas sérias contra a alta

dos preços, está longe de assumir a amplitude necessária e possível para se impôr como uma força de decisão. E no entanto necessário dizer também à classe operária e às massas trabalhadoras que a luta por aqueles e outros objectivos de classe não pode e não deve confinar-se ao terreno sindical e que não podem, nem devem, entregar a defesa dos seus interesses de classe às direcções dos sindicatos nacionais por maior que seja a confiança que depositem nelas. A presença massiva, organizada e activa dos trabalhadores é sempre necessária, quer para apoiar e controlar a actividade das direcções da sua confiança, quer para pressionar, meter na ordem ou atirar pela borda fora as direcções passivas ou traidoras à classe.

Os trabalhadores não podem esquecer, um momento sequer, que o principal campo de batalha pelas suas reivindicações é a empresa, o local de trabalho. Ali, a batalha tem de ser diária por aumento de salários e contra as formas variadas de exploração de que são vítimas. Ali, os trabalhadores podem impôr uma decisão muito mais rápida se recorrerem de maneira organizada, unida e massiva às formas de luta aconselháveis para cada caso concreto: reclamação massiva, paralisação, greve.

Os preços sobem todos os dias e os trabalhadores não podem nem devem esperar dois anos para começarem a negociar e por mais um ou dois anos para levar a cabo as negociações por aumento de salários.

A luta imediata, organizada, unida e massiva é o único caminho que se abre à classe operária e às massas trabalhadoras para fazerem frente à grande ofensiva do patronato e do governo contra o seu já baixo nível de vida.

O «ANTI-RACISMO» DELES

Na empresa construtora SO-POC (Frielas-Loures) lavra grande descontentamento entre o pessoal por causa da desenfreada exploração de que são vítimas em especial os trabalhadores de cor.

Os serventes de cor, além de constantemente insultados e vexados recebem remunerações inferiores às dos serventes brancos e as horas extraordinárias são lhes pagas a singleto e sujeitos a descontos, o que é contrário à própria lei fascista. Os serventes de cor ganham de 75\$00 a 91\$00 e os brancos de 94\$50 a 105\$00.

São profundamente desumanas as condições em que os trabalhadores são obrigados a viver: 50 e mais em barracas de madeira

sem um mínimo aceitável de condições higiénicas.

A morte recente de um operário desta empresa foi atribuída às péssimas condições em que vivem. O próprio delegado de saúde e um oficial da GNR que compareceram no local disseram que nas barracas não deviam dormir mais do que 12 pessoas. Não deviam, mas continuam a albergar 50!

O desprezo pelos trabalhadores de cor é tal entre os prégadores da «nação multirracial» que o corpo da vítima da exploração atroz do capitalismo e do racismo esteve no chão durante 7 horas tapado com trapos e sacos de cimento vazios.



Como nos tempos de Hitler

Nem a repressão nem a demagogia conseguem abafar a luta popular. Caetano espuma. O professor de sorriso pensante perde a compostura e emprega a linguagem e estilo dos tempos de Hitler. Ataca aqueles que procuram impôr pela violência ideias sediosas e revoluções anacrónicas. A ditadura do proletariado (anuncia) seria «domínio inexorável», o «terror das checas de negrada recordação», um «banho de sangue». A revolução seria um «delírio sanguinolento, onde os toucos e os sádicos encontram sempre o meio ideal de expansão dos instintos!» Assim, precisamente com estas palavras, fala o Caetano.

Não lembra (claro está) que em Portugal e nos territórios submetidos ao colonialismo português, há de facto um domínio inexorável, há terror, há banhos de sangue, de que os fascistas, tendo à sua frente o próprio Caetano, são os autores.

Perdida a calma, Caetano condena-se com as próprias palavras.

Pornografia...

Seguindo a indicação dada por M. Caetano na Conferência do partido-único-fascista (ANP), a propaganda oficial atribui a vaga de pornografia às forças revolucionárias e mais concretamente a inspiração comunista.

E para rir. Não há ninguém que ignore ser a pornografia um produto típico do capitalismo e um sistema de apodrecimento da sociedade actual. E, em Portugal, um dos muitos aspectos da «sociedade em desenvolvimento» dos monopólios e do seu governo. Revistas, filmes, jornais pornográficos são marca do «civilizado mundo ocidental».

Quanto à inspiração comunista, como se sabe, na URSS e outros países socialistas a pornografia é severamente reprimida e praticamente não se manifesta.

Como distingui-los?

Curiosa uma local do «Diário de Lisboa» de 25 de Junho. O PCP estaria disposto «a participar nas instituições constitucionais vigentes».!! A ARA «teria sido dissolvida nos princípios do ano corrente».!! Em compensação, o grupo de Argel, depois de romper com os «pro-societários» (sic) «tem vindo a defender uma linha actiosta» (resic). É sintomático que este jornal da burguesia procure calanhar e diminuir o PCP e a ARA nos mesmos termos em que o fazem os esquerdistas pseudo-revolucionários, aos quais pretende valorizar... com o visto da Comissão de Censura. Quem será o autor do artigo? fascista? verbalista? Como distingui-los, se se identificam no seu ódio anticomunista, na falsificação dos factos e na falta de escrúpulos?

Novo atentado contra a cultura nacional

As empresas distribuidoras de discos foram notificadas pelas autoridades de que passava a ser obrigatória a apresentação para exame prévio dos discos de todos os compositores e cantores progressistas. Assim, os discos de baladas ou da chamada nova música portuguesa (aquela que se opõe ao cancionismo barato e procura fazer algo de válido na divulgação de boa música portuguesa) passaram a ser censurados previamente.

Devido a mais esse atentado contra a cultura nacional, os discos galardoados este ano com o prémio da imprensa, de Sérgio

Godinho, José Afonso e José Mário Branco, não foram autorizados a sair. Também um disco de José Letria foi proibido.

Como era de esperar, face às ameaças de pesadas multas e de prisão, esta medida fascista tem retraído algumas «etiquetas», aumentando como reflexo disso as dificuldades para a publicação de novas obras musicais integradas na corrente da nova música portuguesa, movimento que teve um papel importante não só na divulgação de alguns dos nossos melhores poetas como também como forma de abordagem de problemas sociais e políticos do país.

FAZER REGUAR A REPRESSÃO alargando a luta contra ela

A repressão continua a ser a característica predominante do governo caetanista.

Na primeira quinzena de Agosto, foram presas dezenas de pessoas, nomeadamente 5 estudantes do Técnico de Lisboa, 4 de Direito e outros estudantes de Económicas, Letras e liceus, alguns dos quais se encontravam a cumprir serviço militar.

Num curto espaço de tempo, realizaram-se várias operações stop nas cidades de Lisboa e Porto e seus arredores, em Vila do Conde, Coimbra, Torres Novas, Alenquer, etc.. Em Moscavide, é frequente a polícia entrar nos cafés e pedir a identificação de todas as pessoas presentes. Agentes da PIDE-DGS foram à distribuidora de livros Expresso e apreenderam os livros da Editora Brandão e o livro «Memórias de um operário», de José da Silva.

Vê-se, assim, que os objectivos principais das rusgas e operações stop não são de modo algum recuperar carros e bicicletas roubadas, ou prender gatunos, mas sim a criação de um clima de intimidação fascista.

As acções de protesto contra todas as prisões, rusgas e stops devem ampliar-se.

Nem as crianças escapam à repressão

A um grupo de crianças, filhos de presos políticos, foram proporcionados uns dias de férias, nomeadamente nas Caldas da Rainha. As manifestações de simpatia, por parte de todas as pessoas que tomaram conhecimento de quem eram essas crianças eram bem salientes, mas a Pide e os fascistas não gostaram que os filhos dos presos políticos tivessem férias e fossem acarinhados por pessoas que dessa forma manifestavam a sua solidariedade aos presos políticos. É assim que o dr. Castódio Maldonado foi chamado à PIDE-DGS, onde teria sido ameaçado de prisão... por ter prestado solidariedade a crianças!!!

Lutas contra a repressão e pela amnistia

— Acontecimento importante na luta contra a repressão e em defesa dos presos políticos foi a constituição da Comissão Regional de Socorro aos Presos Políticos de Aveiro com 234 elementos operários, empregados, agricultores, proprietários, industriais, funcionários públicos, médicos, advogados, professores, etc..

— Em várias ruas da Amadora-Venda Nova, inscrições de «Amnistia! Abaixo a repressão! Liberdade para os presos políticos!» mantiveram-se durante cinco dias provocando comentários favoráveis da população.

— Em Lisboa (Alameda das Linhas de Torres e Chelas) apareceram inscrições dizendo «Libertem Horácio Rufino! Abaixo o fascismo!» Tarjetas denunciando a prisão deste jovem democrata

foram distribuídas em pleno dia nas escadas da estação do Rossio e do metropolitano nos Restauradores.

— Em Lisboa e arredores num curto espaço de tempo, 2.500 pessoas subserveram um documento exigindo uma ampla Amnistia. No balcão de um estabelecimento, foi colocado o documento com um papel onde se dizia: «por favor, leia e assinem». Em 15 dias, assinaram esse documento 185 pessoas.

Estes exemplos evidenciam como é possível alargar mais e mais a luta contra a repressão e pela Amnistia.

Salvemos e libertemos os presos políticos!

Nos antros da PIDE-DGS, dezenas de pessoas continuam a ser cruelmente torturadas. Sabe-se que o jovem Horácio Rufino, de Vila Franca de Xira, já foi sujeito à tortura do sono durante 23 dias, mas como continua no isolamento, é de supor que a Pide tencione continuar a torturá-lo. O jovem democrata, desertor, Júlio Araújo Pinto, de Oliveira de Azeméis, continua preso e tudo indica que continua a ser torturado.

Entre os presos com longos anos de prisão, entre os quais se contam Dias Lourenço, José Magro, A. Gervásio, Diniz Miranda, Ilídio Esteves, Canais Rocha, Jorge Araújo e muitos outros, alguns deles encontram-se seriamente doentes e, se não forem rapidamente libertados, há razões para recear pelas suas vidas. Tais são os casos de Úrsula Machado, que foi internada em estado muito grave no hospital Miguel Bombarda, e de Manuel Pedro, que está no hospital-prisão, onde voltou a ter uma nova e grave crise. Rogério de Carvalho, Ilídio Esteves, Ângelo Veloso e outros, também se debatem com sérios problemas de saúde.

Exigir a imediata libertação desses presos e uma ampla Amnistia para todos é uma tarefa inadiável e imperiosa.

Contra a guerra colonial

Na véspera das inspecções para o serviço militar, a vila de Alpiarça apareceu pejada de inscrições anticolonialistas e antifascistas. No edifício da Câmara Municipal, onde se realizou o baile dos rapazes das inspecções também apareceram inscrições. Uma delas, junto do palco, dizia: «A Juventude não quer a guerra no Ultramar!».

Inscrições de «Abaixo o fascismo!» e «Abaixo a guerra colonial!» surgiram igualmente no Forte da Trafaria, onde vários soldados foram submetidos a detenções e interrogatórios, e no quartel de Marinheiros, no Alfeite, onde provocaram uma onda de entusiasmo.

BENTO GONÇALVES MORREU HÁ 30 ANOS

A 2 de Setembro de 1942, BENTO GONÇALVES, Secretário Geral do Partido Comunista Português, morreu no campo de concentração do Tarrafal em Cabo Verde. A sua morte, como a de dezenas de outros combatentes antifascistas, representa um dos mais tenebrosos crimes organizados e executados pelo regime fascista de Salazar. Murelo Caetano e toda a camarilha a ele vinculada há mais de 40 anos.

CAMPODE MORTE LENTA, assim foi baptizado e assim ficou conhecido para sempre o sinistro Campo do Tarrafal. E assim ficou conhecido porque nele tudo foi calculadamente organizado para liquidar pouco a pouco os presos políticos para lá enviados. Os governantes fascistas sabiam que, a um clima insípido, às águas inquinadas, à má e insuficiente alimentação, ao isolamento, aos trabalhos forçados, aos castigos constantes, à falta de qualquer assistência médica digna desse nome, muitos presos não poderiam resistir e algumas dezenas deles não resistiram. BENTO GONÇALVES foi um dos que lá tombou para sempre.

O camarada Bento Gonçalves foi um extraordinário dirigente do nosso Partido. Operário metalúrgico, era dotado duma cultura e inteligência inulgores. A sua capacidade de teórica e tempera revolucionária, aliadas a um elevado espírito de classe, permitiram-lhe ver a situação crítica em que o Partido se encontrava nos anos 30 e tomar as medidas necessárias para o arranjar do pantano do oportunismo e da inação. A sua promoção a Secretário Geral na Conferência de 1929, assinala o começo duma verdadeira viragem em toda a linha do Partido.

Graças a esta viragem, o curto período que vai de 1929 a fins de 1933 começou de 1934, caracterizou-se por um dos mais ricos na história das lutas da classe operária depois que os fascistas tomaram o poder. A organização do Partido cresceu ex-

traordinariamente. A ligação do Partido às massas foi mais forte que em qualquer outro período anterior.

Nos dias de hoje, talvez não seja de todo inútil lembrar que esta viragem não teria sido possível sem o extraordinário trabalho sindical que então se fez. O próprio camarada Bento Gonçalves assinalou a sua importância ao fazer o balanço do trabalho do Partido nesse período: a reorganização do Sindicato do Pessoal do Arsenal de Marinha; a criação da CIS (Comissão Inter-Sindical); a formação da Federação dos Sindicatos dos Transportes; a organização do Sindicato único dos Operários Vidreiros da Marinha Grande; a formação da Federação dos Trabalhadores Rurais do Baixo Alentejo; a criação de vários sindicatos no Algarve.

Após a fascistização dos Sindicatos, em 1933, criaram-se alguns sindicatos clandestinos. Referindo-se-lhes na sua intervenção no VII Congresso da IC, em 1935, o camarada Bento informou: «No terreno do trabalho sindical temos também grandes debilidades. É certo que organizamos sindicatos ilegais em alguns principais ramos da indústria e que alguns destes sindicatos têm mais aderentes que os sindicatos fascistas do mesmo ramo. Porém, do ponto de vista prático vemos que os sindicatos ilegais não fazem nenhum trabalho sério de massas. A actitude de alguns sindicatos ilegais limita-se à publicação do seu órgão».

A orientação leninista de trabalhar nos sindicatos reaccionário tem sido desde então a linha do Partido.

Ao completarem-se 30 anos após a morte de Bento Gonçalves, a melhor homenagem que se lhe pode prestar é lutar intransigentemente pela causa sagrada da classe operária e saber dar a vida, se necessário, por essa mesma causa. E manter, como o seu exemplo nos ensina, uma fidelidade viva e actuate às ideias luminosas do marxismo-leninismo.

« ASSASSINOS! BANDIDOS! »

Agentes da PIDE-DGS conduziram D. Cabrita à morgue, onde lhe foi mostrado o corpo da mulher em cima duma mesa tal como ali tinha dado entrada: ensanguentado e desfigurado.

Receoso duma manifestação hostil, o bando da PIDE fez evacuar a morgue. Porém, trabalhadores que trabalhavam perto aperebendo-se do que se tratava gritaram: Assassinos! bandidos! De longe, as pessoas aglomeradas gritavam, por sua vez: Não estás só, Daniel!

Não obstante as tentativas do governo e da PIDE para que o funeral de Helena Cabrita se realizasse em silêncio, mais de 2.000 pessoas participaram nele, transformando-o numa grande manifestação aberta contra o fascismo, a PIDE e a repressão. No dia seguinte, sábado, cerca de 500 pessoas foram em romagem à campa de Helena Rita Cabrita que cobriram de flores.

Por determinação das autoridades, o funeral não podia ser a pé. A massa pensou, porém, de outra maneira fazendo um cordão à frente do carro funerário, para mais adiante retirar a urna e transportá-la aos ombros, primeiro dos colegas de D. Cabrita, depois das mulheres representando as mulheres democratas, da juventude e, por fim, de fami-

liares de presos políticos.

Em todo o percurso, as 2.000 pessoas que se incorporaram na manifestação de pesar intercavam a entoação do hino nacional com gritos de: Abaixo a PIDE! Amnistia! Liberdade!

No cemitério, junto da urna, falou em nome das famílias dos presos políticos Aida Magro, que apelou para o povo e as mulheres do Barreiro no sentido de intensificarem a luta pela libertação de D. Cabrita e de todos os presos políticos, para impedir que outros casos como aquele se repetissem.

Coroas de flores com fitas e dedicatórias dos presos de Peniche e de Caxias, dos democratas, das mulheres e dos jovens do distrito de Setúbal, dos empregados bancários e de várias colectividades cobriram a campa de Helena Cabrita, mais uma vítima da repressão fascista e da PIDE.

Rádio Portugal Livre

Transmite diariamente em 3 períodos de emissão. Das 8 às 8.30 em 19, 20, 20.8 e 25 metros. Das 24.20 às 24.50, em 25, 26, 32 e 36 metros. Das 19 às 21 em 19 e 25 metros.

Aos domingos, transmite também das 13 às 13.30 em 19, 20, 25 e 26 metros.



Alarga-se a solidariedade AO VIETNAM

Mais de uma dezena de homens, mulheres e jovens trabalhadores do Barreiro, Baixa da Banheira, Alhos Vedros e Moita, reuniram-se para discutir formas imediatas de acções de solidariedade com a luta do povo do Vietnam. Entre outras iniciativas decidiram convocar uma outra reunião, que se realizou em fins de Julho, na qual estiveram presentes à volta de 40 pessoas, na sua maioria jovens e mulheres. Nessa reunião foram aprovados e enviados os seguintes telegramas:

A Embaixada Americana: «Grupo democratas margem sul, reunidos movimento solidariedade povo Vietnam protesta contra guerra, massacres, exige imediata retirada tropas para povo Vietnam decidir seu futuro baseado na paz e prosperidade».

AO povo vietnamita: «Democratas margem-sul do Tejo solidariza-se com o povo do Vietnam, apoiando-o na sua luta que trava pela sua libertação».

Além dos telegramas já enviados, foi editado um postal para angariação de fundos destinado ao povo vietnamita, além de outras iniciativas, tais como um abaixo-assinado à Embaixada americana, etc..

A Direcção Regional do Sul do P.C.P. publicou, em 1 de Agosto, um manifesto sobre o Vietnam, do qual foram largamente distribuídos milhares de exemplares em Almada, Cova da Piedade, Laranjeiro, dentro de várias empresas, nomeadamente na Lisnave, etc..

A Comissão Central da U.E.C. enviou mensagens de saudação

às Uniões dos Estudantes do Vietnam do Norte e do Sul.

No Porto, realizou-se em Julho uma reunião com 40 estudantes, na qual ficou constituída uma Comissão, que pôs em prática as seguintes iniciativas: editar um boletim, intitulado «Vietnam», tendo já sido publicado o primeiro número; publicar um postal a linóleo, a dirigir à Embaixada americana e a exigir a retirada das tropas americanas do Vietnam; editar postais com fotografias da guerra no Vietnam, sendo o produto das vendas destinado à construção do hospital Nguyen Van Troi.

Intensificar e ampliar a solidariedade com o heróico povo do Vietnam e exigir o fim imediato dos bombardeamentos dos criminosos imperialistas dos Estados Unidos e a retirada incondicional de todas as suas tropas, é um dever de todos os portugueses de coração e amantes da paz e da independência dos povos.

TEVE MEDO E NÃO FOI — Caetano anunciou uma visita sua à Baixa da Banheira para assistir à inauguração dum anedeiro ferroviário há anos reclamado pela população local.

A actividade dos democratas da Baixa da Banheira fez-se logo sentir pela elaboração de um abaixo assinado reclamando a libertação dos presos políticos para-lhe ser entregue na altura.

Numa tarjeta profusamente distribuída, um grupo de habitantes da Baixa da Banheira declarava:

«O povo da nossa terra fiel aos seus princípios e responsabilidades, receberá Marcelo Caetano com o des-

O ANIVERSÁRIO DE DIMITROV GRANDE JORNADA DE LUTA INTERNACIONAL

O 90º aniversário de Jorge Dimitrov, destacado dirigente do movimento operário internacional e Secretário-Geral da gloriosa Internacional Comunista, foi comemorado em todo o mundo das formas mais diversas.

Na Bulgária, pátria do grande internacionalista Dimitrov, realizou-se de 13 a 18 de Junho, a Conferência Internacional «Jorge Dimitrov e a união das forças revolucionárias e democráticas pela paz, democracia e socialismo». Nela estiveram representantes de 113 partidos comunistas, socialistas e operários, organizações democráticas, frentes populares e da pátria, movimentos de libertação nacional e uniões sindicais de todos os continentes. O Partido Comunista Português esteve representado por uma delegação, com Octávio Pato, membro do Comité Central, de cuja intervenção salientamos a seguinte passagem: «como teórico e dirigente operário, Jorge Dimitrov

deu enorme contribuição ao desenvolvimento do Movimento Comunista Internacional. As suas ideias sobre a unidade da classe operária, como base fundamental duma larga frente única contra o fascismo, contra a guerra e contra o imperialismo, assim como sobre a relação existente entre a luta pela democracia e a luta pelo socialismo, tiveram e continuam a ter valor universal».

A Conferência, representou uma valiosa contribuição, à escala internacional, para a crescente coesão e unidade do movimento comunista internacional e das forças revolucionárias e anti-imperialistas, na luta contra o fascismo, pela democracia, pela paz, a independência dos povos e o socialismo. A sua realização evidenciou de forma bem clara como os ideais e os princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, aos quais Dimitrov dedicou toda a sua vida, triunfam cada vez mais à escala mundial.

Pequenas notícias

prezo que ele merece, mantendo as suas reivindicações, reclamando: Aumento de salários, redução do custo de vida, fim da guerra colonial.

Sua excelência teve medo de enfrentar o povo da Baixa da Banheira e não foi levar-lhe os seus cinicos sorrisos...

FLORES NA BANDEIRA DA URSS — No passado mês de Abril realizou-se em Lisboa, no Hospital de Santa Maria, o Congresso Internacional de Anatomia Humana. Entre outros participaram delegados da URSS e de outros países socialistas.

As bandeiras dos países partici-

pantes foram colocadas atrás das das portas exteriores do Hospital. No primeiro dia a bandeira da URSS estava no primeiro fila, mas no segundo dia passou a estar na segunda. Então alguém colocou no mastro da bandeira do primeiro país socialista do mundo um ramo de flores. No dia seguinte como o ramo estivesse a descair, os estudantes ataram-no melhor.

MAU TEMPO — PIOR MODO — De Lisboa recebemos a informação que se segue:

«A revista «O Tempo e o Modo» está bastante mal vista em largos sectores estudantis. Recentemente foi posto um molho delas (o número que tinha um mapa do Sul da Ásia com setas da URSS a apontar a China) na Faculdade de Medicina e logo apareceu um cartaz a dizer:

«Atenção estudantes! não comprem esta revista quer subidiada pela CIA.»

Durante dois meses, do molho apenas foi comprado um exemplar. Muita gente não compreendia porque razão a censura deixava passar, de mistura com apreciações caluniosas à URSS e outros países socialistas e a partidos comunistas, tantos «esquerdistas», «ultra-esquerdistas», «ultra-revolucionaristas», à revista em causa.

Agora parece que os estudantes de Lisboa encontraram uma exploração: por portas e travessas, a CIA chegou ali.

CARESTIA DA VIDA — Foram recolhidas cerca de 1.000 ASSINATURAS para um abaixo-assinado de protesto, na sua maioria, por iniciativa de estudantes, em COIMBRA.

SEGURANÇA EUROPEIA — Numa reunião com 50 estudantes, realizada no PORTO, um dos delegados à reunião de Bruxelas deu uma informação acerca das posições defendidas pela delegação portuguesa na aquela reunião, as quais tiveram o acordo unânime dos presentes.

Aos delegados portugueses participantes naquela reunião internacional realizada em Bruxelas, foi enviado em tempo oportuno o seguinte telegrama:

«Um grupo de jovens democratas de V.F. de Xira saudamos calorosamente a Conferência da Paz com o símbolo de continuidade na luta pela Paz Mundial. Estamos conosco».

OS INCÊNDIOS

O Estado deve indemnizar os sinistrados

A vaga de incêndios que deflagrou no País atingiu proporções calamitosas devido à incúria e incapacidade do governo face a um problema de tamanha gravidade.

Responsável pela indigência das corporações de bombeiros, cuja coragem e heroísmo não podem suprir os meios técnicos de que carecem para agir com rapidez e eficácia, o governo agrava ainda mais a situação não mobilizando os recursos técnicos e humanos que tinha ao seu alcance.

Faltam carros-tanques para combater os fogos, mas não faltam para a repressão policial e para a guerra.

Os aviões e helicópteros de que falou a imprensa, a rádio e televisão limitaram-se a ir ver o triste panorama. E pouco mais poderiam fazer. Com efeito, aviões e helicópteros não substituem os aviões-tanques destinados à extinção de fogos, que não existem. No entanto, um importante papel preventivo poderiam ter se sobreviessem regularmente as regiões mais susceptíveis de se incendiarem, a fim de assinalarem qualquer foco e informarem imediatamente os serviços respectivos, sobretudo numa época do ano em que o alastramento dos incêndios constitui uma ameaça real nas regiões florestais do País. Pa-

zendo-o num momento em que as chamas tudo devoravam e sabendo-se de antemão que era impossível comunicar com as corporações de bombeiros que nem sequer dispõem de um sistema de rádio-comunicações, o seu papel não foi mais do que uma manobra demagógica do governo na tentativa de ocultar as graves responsabilidades que lhe cabem.

Um simples aparelho emissor, que o governo tem negado às corporações não custa mais de 10 contos, o que significa que com o dinheiro gasto num só avião de guerra, o Estado já poderia ter apetrechado todas as corporações de bombeiros do País.

Para as regiões martirizadas pelo fogo, o governo limitou-se a enviar uma dúzia de soldados e não quis pôr em risco a pele de um único elemento das suas preciosas forças repressivas. Contou com a coragem e o sacrifício do povo, enquanto as chamas iam devorando milhares de hectares de florestas, casas e mesmo vidas. E na verdade, num esforço solidário e sobre-humano, foram mais uma vez as populações das

regiões atingidas que, ao lado das corporações de bombeiros, maior contribuição deram no combate às chamas.

Assim ficou trágicamente comprovada a razão que assiste às populações de Talhadas e Préstimo que na sua luta contra os roubos dos Serviços Florestais, há muito vêm alertando o governo contra os perigos de incêndio a que ficaram sujeitas as populações, pois apropriando-se dos baldios do povo, os Serviços Florestais levaram as matas à beira das povoações e propriedades particulares, não abriram caminhos nem valas de defesa, nem sequer deixaram os camponeses roçar mato.

O Estado é responsável pelas enormes proporções e prejuízos provocados pelo fogo. O Estado deve indemnizar as populações sinistradas.

Rádio Moscovo

Transmite todos os dias para Portugal em duas emissões, das 19,30 às 20 h. e das 20,30 às 21 h., em 19, 25 e 31 metros.